

Modernismo: o futuro do passado do Brasil

Peça mostra
como o
movimento
artístico de 1922
segue atual
no mundo
contemporâneo

Por Mayariane Castro

Agrupação Teatral Amacaca (ATA) apresenta o espetáculo “Futuro do Passado” no Museu Nacional da República, em Brasília, até sábado (24), com sessões diárias às 20h. A montagem aborda a Semana de Arte Moderna de 1922 e a trajetória do modernismo brasileiro por meio de teatro, dança, música e artes visuais. Os ingressos custam R\$ 40 (inteira) e R\$ 20 (meia) e podem ser adquiridos pela plataforma Symppla, no endereço bit.ly/ATAFuturoPassado26.

A peça percorre diferentes espaços do museu e propõe uma leitura do movimento modernista a partir de questões contemporâneas.

A encenação relaciona as transformações culturais iniciadas no começo do século 20 aos debates atuais sobre sociedade, política, produção artística e identidade nacional. A temporada é realizada com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF), da Secretaria de Cultura e Economia Criativa.

Antropofagia

Estreada em 2023, no mesmo local, a obra parte da antropofagia cultural, conceito associado ao mo-



Diego Bresani

A peça percorre os vários espaços do Museu Nacional contando a história do Modernismo

dernismo brasileiro e à proposta de incorporar referências externas para produzir formas próprias de expressão. A ideia ganhou destaque com o Manifesto Antropófago, publicado por Oswald de Andrade em 1928, e se tornou uma das referências do debate sobre a construção de uma cultura brasileira independente de modelos europeus.

Em “Futuro do Passado”, a

ATA retoma esse pensamento para discutir a formação do modernismo e seus desdobramentos. A montagem foi concebida coletivamente pelo elenco, com coordenação geral de Márcia Duarte e direção cênica de Abaetê Queiroz, integrantes do grupo. O trabalho também presta homenagem ao diretor e professor de teatro Hugo Rodas, que participou da funda-

ção da companhia e conduziu suas atividades até sua morte, em 2022.

Segundo Márcia Duarte, a proposta é revisitar o marco de 1922 a partir das questões do presente. A coordenadora afirma que o debate sobre o modernismo permanece relevante diante de disputas em torno do conhecimento e de conquistas culturais, sociais e políticas. A encenação busca, as-

sim, aproximar a história das artes brasileiras das discussões sobre os rumos do país.

Para Abaetê Queiroz, a ocupação do Museu Nacional da República implica uma responsabilidade relacionada ao espaço e ao conteúdo apresentado. O diretor destaca que a montagem articula cenas, música, performances e instalações ao percurso do público pelo edifício.



Reprodução

Proposta de “antropofagia” de Oswald segue atual

A eterna Semana de Arte de 1922

Questões abordadas pelo Movimento Modernista sobre a produção artística brasileira seguem atuais

Realizada no Theatro Municipal de São Paulo entre 13 e 17 de fevereiro de 1922, a Semana de Arte Moderna reuniu artistas e escritores interessados em romper com padrões acadêmicos e discutir novos caminhos para a produção cultural.

O evento incluiu apresentações musicais, leituras literárias e exposições de artes visuais. Entre os participantes estavam nomes

como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Anita Malfatti e Di Cavalcanti.

A Semana não representou o início isolado de todas as mudanças estéticas do período, mas se tornou uma referência para a história do modernismo no país.

As propostas de renovação artística se desdobraram em diferentes campos, como literatura, arquitetura, música e artes plásti-

cas, e contribuíram para ampliar o debate sobre as relações entre cultura, identidade nacional e influências estrangeiras.

Oswald de Andrade

A antropofagia cultural, formulada por Oswald de Andrade alguns anos depois, propunha que a cultura brasileira assimilasse referências de outras tradições sem se limitar à reprodução de modelos importados. A ideia passou a integrar as interpretações sobre o modernismo e continua a ser retomada em trabalhos que discutem identidade, diversidade e autonomia cultural.

Ao levar essa discussão ao Museu Nacional da República, a ATA associa o debate histórico à ocupação de um espaço dedicado à arte e à cultura. O público acompanha a encenação em diferentes ambientes do edifício, em um percurso que combina linguagens artísticas e deslocamento físico. A estrutura faz do espaço parte da dramaturgia e da relação com os espectadores.